

O Mistério da bengala de bambu (XV)

POR
MANUEL SALGUEIRO

Em duas palavras, pôs o capitão ao corrente dos factos.

— Conte comigo — respondeu fir-

BASILIO FALHA O GOLPE

A estas horas, imagina-nos sulcando os mares na barriga dos tubarões...

Basilio Sopito ia dizer alguma coisa mas o detective apertou-lhe o pulso:

— Silêncio! Ali vai ele... Temos de o seguir. Com prudência... Vê-lhe a bengalinha, vê como a volta e revolta, provocadoramente? Ah, mas ele ignora quem nós somos!

Seguiram-lhe no encaicho. Atravessaram as ruelas velhissimas do cais, cosendo-se à parede de cada vez que Sum Wi se voltava para trás. Viram que o Japonês entrava numa casa.

— Um restaurante! — exclamou Basilio. — Não teve má ideia, o bicho nipão!

Aproximaram-se, espreitaram a porta. Viram-no conferenciar com o criado, pendurar a bengalinha no cabide, afastar-se para o lavatório...

Entretanto, o criado pusera o jantar na mesa. Pararraios não tirava os olhos da bengala de bambu, de que dependia o destino do Mundo.

— Basilio! — gritou. — Vai tu, que despertas menos suspeitas, e sê rápido. Não falhes o golpe!

Longos minutos se escoaram. O coração de Pararraios batia desor-

denadamente. Por fim. Sopito apreceu.

— Basilio, então? — exclamou o detective! — Falhaste o golpe?

— Qual falhei! Comi-lhe o jantar todo...

— E a bengala, patife? Esqueceste-te dela, miserável? Agora que a tínhamos á mão, uma ocasião que certamente não se repetirá mais?

Os olhos do detective fuzilavam de justa ira. Vendo, porém, a aflicção do Basilio acalmou-se e pôs-lhe a mão na cabeça para pelada:

— Trocaste o essencial pelo acessório, crime que muitos cometem. Deixa. O caminho do homem é uma contínua ascensão e por isso se torna difícil. Terás muitas ocasiões de te resgatares.

— E ainda por cima o bife era mais duro que sola! — lamentava-se o ajudante.

— Para que tu vejas como se fez vou eu lá dentro. E mesmo nas barbas dele a bengalinha cai-me no papo...

Entrou De subito. Basilio escutou lá dentro uma algazarra medonha...

(Continua)

— Estamos perdidos! — gritou Basilio vendo surgir, a pouca distancia já, as massas afuseladas dos tubarões.

— De facto, o perigo é grande, mas acredito na minha boa estrela — retorquiu Pararraios —. E além disso, tenho a certeza de que, se tombarmos na luta contra o crime, outros virão tomar o nosso lugar.

Faziam esforços sobre-humanos para se manterem à superfície habidos pelas vagas que se lançavam para o céu como se pretendessem assaltá-lo. E de subito algo aconteceu tão nítido que o próprio Basilio Sopito deu conta.

— Meu amo, a estas horas já os tubarões deviam estar a chamá-los um figo, e no entanto...

A explicação demorou pouco. A cerca de cinquenta metros levantava-se uma enorme ilha escura, em forma de tubarão.

— Será um pesadelo? — perguntou Sopito.

— Qual! Um submarino, um submarino é que é!

Era, na verdade, um submarino. De bordo partiam descargas mortíferas que dispersaram os indesejáveis tubarões. Algum tempo depois os dois amigos encontravam-se a bordo de um salva-vidas que os levou ao submarino.

O capitão era um «gentleman» inglês, Peter Heel. Em duas palavras se apresentou. Antigo oficial da Marinha de Sua Majestade, prestava agora os seus serviços á W. O. E. C. (Whale Oil Explorer Company), ou seja, Companhia Exploradora do Oleo de Baleia.

— Andamos em pesquisas — acrescentou. — Dirigimo-nos, neste momento, para as cercanias dos Açores, e se os senhores quiserem assistir á pesca e á caça da baleia...

— Que dizes, Basilio? — perguntou Pararraios.

— Isso! Só nos faltava essa... Em todo o caso, Pararraios não aceitou.

— E' pena — retorquiu o capitão.

nemente o barbudo capitão de baleias. — O «Flor de Lótus» deve fazer escala por S. Miguel. Chegare-

mos lá primeiro do que ele.

De facto, ultrapassaram-no por estibordo trinta horas depois. Chegaram a Ponta Delgada ao cair de

— A pesca da baleia proporciona-nos emoções fortes.

— Cada qual tem a sua missão... — foi a resposta do detective.

igência. Caneca. 4 — Onze. 5 — Descascar. 6 — Quarta nota musical. Pronome pessoal, sujeito. 7 — Sossobrar. 8 — Leonino.

SOLUÇÕES

Francês

8 — Enee. Ironte. 6 — Isolier. 7 — Par. Naf. Es. 3 — Ghssado. 4 — Reves. 5 — VERTICAIS: 1 — Vaisseau. 2 — Et. 8 — User. R. F. 5 — Session. 6 — Eian. 7 — Aede. 5 — Allier. An. 3 — Ivotre. 4 — Sens. HORIZONTALAIS: 1 — Grippe. 2

Inglês

Uper. 8 — Leonine. ven. 5 — Rind. 6 — Fa. You. 7 — Outh. Out. 3 — Wu. Reng. 4 — ple. VERTICAIS: 1 — Property. 2 — du. 7 — Tug. One. 8 — Tr. Men. Ph. Vixen. 5 — Men. Tr. 6 — Roun. 2 — Rail. Ape. 3 — Other. So. 4 — HORIZONTALAIS: 1 — ver pul.

O SATÉLITE

A Terra dirige-se ao oftalmologista: — Acuda-me, doutor! — diz ela. — Mas o que foi? — pergunta o médico.

— Doi-me muito esta vista. Entrou-me um satélite na órbita!

A LUA...

O Periquito vive intensamente os feitos científicos do nosso tempo. Certa noite, ao olhar interessado para a Lua, pergunta ao pai: — Sempre gostava de saber quem lançou primeiro a Lua. Foram os Americanos ou os Russos?

2 — Poderoso. 2 — Carril. Macaco. 3 — Outro. Tanto. 4 — As duas primeiras letras de «jalange». Raposa. 5 — Homens. Representação fonética de «chá». 6 — Seis letras de «em forma redonda». 7 — Rebocador. Numeral. 8 — Duas letras de teu. Tradução portuguesa de «my».

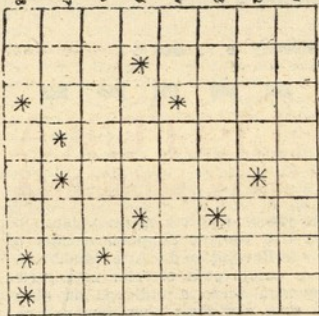
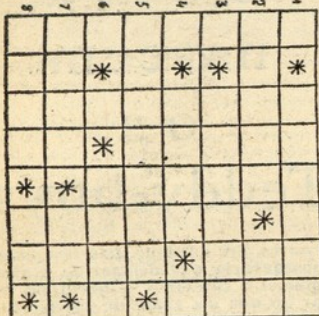
VERTICAIS: 1 — Propriedade. 2 — Juramento. Nosso. 3 — Inte-



PALAVRAS CRUZADAS

Francês

Inglês



HORIZONTALAIS: 1 — Gripe. 2 — Ir. Ano. 3 — Marfim. 4 — Sentido. 5 — Sessão. 6 — Impeto. 7 — Aedo. Vogais de «égides». 8 — Gastar. República francesa.

VERTICAIS: 1 — Barco. 2 — Es. 3 — Escorregadela. 4 — Sonhos. Terminação dos verbos da primeira conjugação. 5 — Ironia. 6 — Isolar. 7 — Por. Ingénuo. 6 — Consoante e as vogais de «nervado».

HORIZONTALAIS: 1 — Poderoso. 2 — Carril. Macaco. 3 — Outro. Tanto. 4 — As duas primeiras letras de «jalange». Raposa. 5 — Homens. Representação fonética de «chá». 6 — Seis letras de «em forma redonda». 7 — Rebocador. Numeral. 8 — Duas letras de teu. Tradução portuguesa de «my».

VERTICAIS: 1 — Propriedade. 2 — Juramento. Nosso. 3 — Inte-

Noticiário dos concursos

Só no próximo dia 21 do corrente mês é que poderemos dar finalmente — finalmente! — os resultados dos concursos:

«QUAL É COISA QUAL É ELA?»

«Augusto Gil»

Esta demora deveu-se á quantidade de concorrentes a este ultimo concurso. Muito nos apraz registar o facto e desejar que esta iniciativa da Portugália Editora tenha servido para radicar entre os jovens o gosto pela Poesia, de que Augusto Gil foi uma grande figura, e pelos nossos maiores escritores.

Até, portanto, á próxima semana! Continuamos hoje a publicar os nomes dos concorrentes ao nosso concurso anual.

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz): «Riquezas da nossa terra».

Amigo n.º 169 — Joel Eduardo Neves Hasse Ferreira (Lisboa): «Minho belo» — sobre a paisagem da provincia, os costumes e o folclore da população.

Amigo n.º 197 — Gastão Alexandre Pessoa Guerreiro (Faro): «O Presépio».

Amigo n.º 1547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra): «Coimbra lendária».

Amiga n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): «Férias».

Amigo n.º 1436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro): «Um mundo desconhecido».

Como habitualmente, os editores portugueses, compreendendo o alcance das nossas iniciativas e o interesse que o livro representa para a juventude, não deixaram de colaborar connosco.

Hoje temos o prazer de registar a adesão de algumas casas editoras ao Concurso «Portugal e a Juventude», para o qual oferecem dezenas de excelentes livros.

Editorial Arcádia, á qual devemos vários volumes das seguintes obras:

1 — «As mais belas histórias sobre animais» — selecção e tradução de Raquel Queirós, prefácio de José Osório de Oliveira, desenhos de José de Lemos.

2 — «As mais belas histórias de Natal» — selecção de Miguel Urbano Rodrigues, prefácio de Aquilino Ribeiro, desenhos de Carlos Ribeiro.

3 — «Antologia do conto moderno» — selecção e prefácio de João Gaspar Simões, ilustrações de Lons Douráil.

4 — «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, volume n.º 4 da colecção «Encontro».

5 — «O que é a Física» por Rómulo de Carvalho, com textos de Henri Poincaré, Pierre Duhem, Jacques Picard, Louis de Broglie e Jean-Louis Destouches.

6 — «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones.

7 — «O segredo de Luca» — romance de Ignazio Silone.

A Livraria Editora Augusto Sá da Costa oferece uma série de volumes da sua célebre Colecção de Clássicos — a mais importante colecção que, no género, se publica em Portugal.

E ficamos por hoje, por aqui...

CONCURSO DA SEMANA

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 96: I — «GENTE NOSSA». II — «GIGANTES DA HUMANIDADE»: CLAUDE DEBUSSY.

Vencedores

1. — Amigo n.º 1555 — Maria Luisa Sousa Araujo (Porto).

2. — Amigo n.º — Maria José Palla e Carmo (Algés).

3. — Amigo n.º 963 — Alice Vasalo Pereira (Lisboa).

4. — Amigo n.º 1499 — Anibal José Laia Paulista (Lisboa).

5. — Amigo n.º 1561 — Susana Barroso Lopes (Queluz).

6. — Amigo n.º 978 — José Francisco Borges (Lisboa).

7. — Amigo n.º 1512 — António Veiga Esteves (Porto).

8. — Amigo n.º 962 — Maria Alzira Simeão Seixo (Moita do Ribatejo).

9. — Amigo n.º 1562 — João Pedro Moreira (Estremoz).

10. — Amigo n.º 884 — José Maria David Vieira (Coimbra).

11. — Amigo n.º 1472 — Maria Margarida Melo (Lisboa).

12. — Amigo n.º 1539 — Heitor Fernando da Silva (Porto).

13. — Amigo n.º 1547 — Carlos Manuel Almeida (Coimbra).

14. — Amigo n.º 1556 — José Fernando de Almeida Reis Mendes (Mem Martins).

Prémios

1 e 2: «SCARAMOUCHE», por Rafael Sabatini — Portugália Editora.

3. — «O VELHO E O MAR», por Hemingway — Livros do Brasil, Ld.º.

4 e 5: «UM SEIXO SOLITARIO», por John Hersey — Livros do Brasil, Ld.º.

6. — «VUZZ...», por P. A. Hourey — Livros do Brasil, Ld.º.

7. — «HISTORIA DE DOIS MUNDOS», por John MacDonald — Livros do Brasil, Ld.º.

8. — «FERMINA MARQUEZ», por V. Larbaud — Livros do Brasil, Ld.º.

9 e 10: «A ASA A CAMINHO DA EUROPA», por Frank Altheim — Livros do Brasil, Ld.º.

11 a 15: «O PAIS INATINGVEL», por André Dhôtel — Livros do Brasil, Ld.º.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE DEBUSSY

15. — Amigo n.º 1545 — M. P. Campos (Lisboa).

15. — «O PAIS INATINGVEL», por André Dhôtel e «O PODER E A GLÓRIA», por Grhaam Greene — Livros do Brasil, Ld.º.

Gente Nossa



Em terra de figuras era tão farta, tão rica, tudo morre, tudo passa, —mas o saloio, esse, fica.

É solerte e cabeçudo e, caminhando na estrada, parece que ignora tudo porém não lhe escapa nada.

Os conceitos que ele mete quando, ás boas, conversamos! Se o saloio usa barrete semos nós que o enfiámos...

«Adeus pai dos burros!» diz o gracioso peralvilho logo o saloio feliz lhe responde «Adeus meu filho!»

De burrico ou de galera seja a noite má ou boa seja Inverno ou Primavera, ei-lo segue para Lisboa...

Leva o burro carregado de tanta aface fresquinha que o lisboeta alcinhado passou a ser «alfacinha»...

Inda com terra nos pés, só coisas boas nos pés. Não és saloio; tu és o mensageiro da Paz.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a provincia portuguesa a que pertence á gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, 21 de Março.